

Área 1 – Economia Pernambucana.

DINÂMICA ECONÔMICA E MERCADO DE TRABALHO NO ESTADO DE PERNAMBUCO AO LONGO DOS ANOS DE 2002 À 2015.

Beatriz Batinga e Silva¹; Cassiano José Bezerra Marques Trovão².

RESUMO

Este trabalho busca analisar as implicações do desenvolvimento do Estado de Pernambuco no mercado de trabalho ao longo dos anos de 2002 a 2015, ao longo destes anos, no cenário econômico, o Estado apresentou um crescimento do produto, incentivados principalmente por investimentos industriais nos ramos de bebidas, automobilístico, têxtil, farmacológico, vidro, entre outros. Este novo desenvolvimento foi incentivado pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), entre os anos 2008 e 2009, com o aumento da renda houve um dinamismo do consumo e, em um segundo momento, levou o aumento do investimento, com a incorporação de indústrias de alimentos e bebidas, bens duráveis, redes de supermercados e shoppings *centers* que se multiplicaram nesses locais. Ao longo do texto será realizada a análise dos Polos de Crescimento presentes na região, neste caso, o Porto de Suape, o Polo de Confeções do Agreste de Pernambuco e o Polo Goiana. Para a construção dos dados foi utilizada a Pesquisa Nacional de por Amostra de Domicílio (PNAD) e dados das Contas Regionais do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE). Por fim, este artigo está dividido em 4 sessões, sendo estas, Polos de crescimento e a experiência do Estado de Pernambuco, Formação do território, Análise da economia de Pernambuco e o mercado de trabalho em Pernambuco.

PALAVRAS-CHAVE: Polos de Crescimento, Mercado de Trabalho, Economia Regional.

ABSTRACT

This work seeks to analyze the implications of the development of the State of Pernambuco in the labor market over the years from 2002 to 2015, during these years, in the economic scenario, the State presented a growth of the product, stimulated mainly by industrial investments in the branches of beverages, automobile, textile, pharmaco-chemical, glass, among others. This new development was encouraged by the Growth Acceleration Program (PAC), between 2008 and 2009, with the increase in income there was a dynamism of consumption and, in a second moment, led to increased investment, with the incorporation of industries food and beverage, durable goods, supermarket chains and shopping centers that have multiplied in these places. Throughout the text will be the analysis of the Poles of Growth present in the region, in this case, the Port of Suape, Polo de Confeções do Agreste of Pernambuco and Polo Goiana. For the construction of the data the National Household Sample Survey (PNAD) and data from the Regional Accounts of the Brazilian Institute of Statistics and Geography (IBGE) were used. Finally, this article is divided in 4 sessions, these being, Poles of growth and the experience of the State of Pernambuco, Formation of the territory, Analysis of the economy of Pernambuco and the labor market in Pernambuco.

KEY WORDS: Growth Poles, Labor Market, Regional Economics.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca analisar as implicações do desenvolvimento do Estado de Pernambuco no mercado de trabalho ao longo dos anos de 2002 a 2015. Nesse período, o

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Economia Regional da UFRN.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia Regional da UFRN.

Estado apresentou um crescimento do produto, impulsionado principalmente por investimentos industriais nos ramos de bebidas, automobilístico, têxtil, farmacológico, vidreiro, entre outros. Estes investimentos promoveram uma nova dinâmica no desenvolvimento do Estado acarretando mudanças econômicas, sociais e territoriais.

Historicamente, as políticas para o desenvolvimento do Nordeste datam dos anos 1950, como aponta o relatório do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN). As pesquisas desenvolvidas pelo grupo enfatizavam a necessidade de investimentos voltados à região e a promoção de estratégias para o seu desenvolvimento. Uma das suas propostas para o desenvolvimento do Nordeste deu origem à SUDENE, que trouxe investimentos para o Nordeste a partir dos planos diretos por ela constituídos.

O desenvolvimento da região foi impulsionado por meio de diversos incentivos fiscais ao longo dos anos de atuação da SUDENE. De acordo com Fontenelle, Melo e Dantas (2001) a Região passou da condição de tradicional especializada em produtos não duráveis para uma Região produtora de bens de consumo intermediários, com os surgimentos dos principais Polos de crescimento da região (Polo petroquímico de Camaçari – Bahia, o complexo do Salgema – Alagoas, Complexo mineiro-metalúrgico – Maranhão, Porto de Suape – Pernambuco, Polo de confecção em Fortaleza).

No período recente, mais precisamente entre 2003 e 2010, houve um processo de recuperação econômica após duas décadas de baixo crescimento do PIB. Mesmo diante da crise internacional de 2008. Nesse processo, a Região Nordeste foi particularmente beneficiada por políticas como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que tinha por objetivo aumentar a produtividade das empresas, estimular os investimentos privados, gerar emprego e renda e reduzir as desigualdades regionais.

O programa deu destaque para os investimentos públicos e privados voltados para grandes projetos federais nos Estados nordestinos para os anos de 2008 e 2009. As áreas prioritárias de investimento foram: rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, saneamento básico e habitação, gasoduto, entre outros.

A tendência de crescimento da renda, de acordo com Araújo (2014), dinamizou o consumo e, em um segundo momento, aumentou o investimento, com a incorporação de indústrias de alimentos e bebidas, bens duráveis, redes de supermercados e shoppings *centers* que se multiplicaram nesses locais, com o intuito de disputar novos consumidores.

Assim, questiona-se de que forma essas transformações econômicas ocorridas no Brasil e no Nordeste impactaram o Estado de Pernambuco, especialmente seu mercado de trabalho?

Para responder a esse questionamento, serão apresentadas informações referentes ao desempenho econômico e ao mercado de trabalho. Os dados foram extraídos do Sistema de Contas Regionais e da Pesquisa Nacional de Amostra e Domicílio (PNAD) para os anos de 2002 a 2015, ambas pesquisas elaboradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Serão analisados na dimensão econômica: a série encadeada do volume do Valor Adicionado Bruto (VAB), a participação das grandes regiões e unidades da federação no PIB, a participação das unidades da federação no PIB do Nordeste, a participação das atividades no VAB de Pernambuco (PE).

Quanto ao mercado de trabalho, procurar-se-á apresentar: o crescimento das pessoas com 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência, por número de trabalho, por associação a sindicatos, por contribuição para a previdência, por rendimento médio mensal do trabalho principal e por agrupamentos de atividade do trabalho principal.

O trabalho está dividido em quatro partes, além desta introdução: a primeira faz um resgate da literatura a respeito dos conceitos de Polos de Crescimento, procurando caracterizar sua presença no Estado de Pernambuco; a segunda faz uma análise da atividade econômica do Brasil, da Região Nordeste e Estado de Pernambuco nos anos de 2002 a 2015; a terceira procurará avaliar a evolução do mercado de trabalho pernambucano ao longo dos anos de 2002 a 2015 por meio dos dados da PNAD; por fim, serão feitas algumas considerações a respeito dos resultados obtidos.

POLOS DE CRESCIMENTO A EXPERIÊNCIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO

O crescimento econômico, de acordo com Perroux (1977), caracteriza-se como um processo dinâmico e desequilibrado. Segundo o autor, o crescimento não é simultâneo, pois este se inicia em pontos ou polos de crescimento, apresentando intensidades variáveis, expandem-se por diversos canais e com efeitos finais variáveis sobre a economia como um todo.

Hirschman (1958) enfatizava que em uma economia, para conseguir níveis mais altos de renda, uma região deveria desenvolver centros regionais fortes. Portanto, o surgimento de “pontos de crescimento” ou “polos de crescimentos”, ao longo do processo de desenvolvimento, indica que as desigualdades inter-regionais apresentam-se como

características intrínsecas ao próprio processo de crescimento, justificando que no sentido geográfico, o processo de crescimento é necessariamente desequilibrado.

No espaço regional em crescimento, algumas indústrias destacam-se pelas características da indústria moderna, com a separação dos fatores de produção, concentração dos capitais sob o mesmo poder, decomposição técnica das tarefas, por fim, a mecanização (PERROUX, 1977).

Portanto, essas indústrias são denominadas de “indústria motriz”, as quais de acordo com SOUZA (2005), apresentam efetiva dimensão dos efeitos de encadeamento, desenvolvimento, impulsos motores significativos no âmbito local e regional. Sendo assim, as empresas ligadas por relações de insumo-produto precisam ficar próximas, objetivando o menor custo de transporte, gerando a polarização geográfica. A polarização humana também é verificada pela aglomeração de trabalhadores, técnicos e capacidade empresarial.

A dinâmica do Polo de Crescimento funciona com as indústrias motrizes atraindo empresas satélites, fornecedoras de insumos ou utilizadoras dos produtos, isto é, empresas motoras, desencadeando, ao longo desse processo, o crescimento local e regional. Devido à tendência de crescimento, os Governos buscam a atração de complexos industriais, utilizando-se o método, na maioria das situações, de incentivos fiscais, empréstimos subsidiados, treinamento de mão de obra e instalação de infraestrutura. Entretanto, não há garantia de que os incentivos fornecidos pelo governo gerem resultados esperados (SOUZA, 2005).

Na região Nordeste do país, especificamente no Estado de Pernambuco, houve uma série de investimentos industriais, os quais deram origem a construção de novos complexos industriais, os quais a literatura denomina de “Polos”, dos quais receberão destaque os Polos têxteis, automobilístico e petroquímico desse Estado.

OS POLOS DE PERNAMBUCO

Os principais polos do Estado de Pernambuco são: o Porto de Suape, o Polo de confecções do agreste de Pernambuco e, o mais recente, o Polo Goiana.

No que tange ao Porto de Suape, destaca-se que o histórico de formação econômica e os incentivos ao desenvolvimento do Nordeste, debatidos anteriormente, contribuem para a construção teórica do processo de investimentos regionais no Estado de Pernambuco que deram início ao adensamento industrial do Porto de Suape.

A estrutura produtiva de Pernambuco nos anos de 1960 e 1970 conseguiu atrair grande parte dos projetos de investimento para a diversificação industrial concedidos pela SUDENE, com a proposta de incentivos fiscais e outros instrumentos de política voltada para o Nordeste. No entanto, a Região Metropolitana de Recife foi a mais privilegiada, ao passo que as regiões interioranas continuaram pouco dinâmicas e com suas economias voltadas para as atividades primárias (LIMA, SICSÚ, PADILHA, 2007).

O Governo de Pernambuco estabeleceu, entre os anos de 1973 e 1975, um Plano Diretor com o objetivo de estimular a implementação do Complexo Industrial de Suape. Já em 1977 houve a desapropriação de uma área de 13,5 mil hectares entre os municípios de Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, porém apenas em 1983 o complexo iniciou o funcionamento. Ainda em 1990, Suape agregou as funções de “porto industrial” e “porto concentrador de cargas”, inserindo-se na lista dos portos mais importantes para investimentos públicos no Brasil (GODOY; MEDEIROS, 2015).

Porém, o verdadeiro *boom* do Complexo de Suape ocorreu a partir de 2007 ao concentrar investimentos públicos e privados, destacando o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) que, de 2007 a 2010, após a decisão de construir a refinaria e petroquímica da Petrobrás, promoveu um investimento que chegou a ser dez vezes maior do que os investimentos anteriores atingindo o valor de R\$ 1,462 bilhão³ (SUAPE/GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO, 2010 *apud* GODOY; MEDEIROS, 2015).

O complexo industrial e portuário de Suape é o mais completo polo para a localização de negócios industriais e portuários da região Nordeste. Dispondo de uma infra-estrutura para atender necessidades dos mais diversos empreendimentos, Suape tem atraído um número cada vez maior de empresas interessadas em colocar seus produtos no mercado regional ou exportá-los para outros países. (LIMA; SICSÚ; PADILHA, 2007, P. 534)

O Território Estratégico de Suape engloba oito municípios: Cabo de Santo Agostinho, Escada, Ipojuca, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Ribeirão e Sirinhém. No tocante à divisão por influência do polo para os municípios, em primeiro plano, estão Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, estando a maior parte das indústrias localizadas em Ipojuca, sendo este mais afetado por operações e obras. A influência indireta é demarcada pelos municípios de Moreno, Escada, Jaboatão dos Guararapes, Ribeirão e Sirenhém, os

³ No período de 1995 a 2006 a média anual foi de R\$ 12,1 milhões, entretanto, para os anos de 2007 a 2010, a média anual seguiu a ordem de R\$ 487 milhões. (SUAPE/GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO, 2010 *apud* GODOY; MEDEIROS, 2015).

quais abrigam empresas no setor de acessórios e empresas subsidiárias àquelas instaladas no polo (GODOY; MEDEIROS, 2015).

Quanto ao Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco, destaca-se que este se estabeleceu nos anos 50/60, em torno das “Feiras da Sulanca”, em Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama. Após 2002, uma ampliação de seu raio de influência estendendo-se por dezenas de municípios do agreste de Pernambuco, repercutindo na Região e no País.

De acordo com Oliveira (2012), o Polo foi resultado de uma “espontânea” e “autônoma” ação de homens e mulheres habitantes da região, devido a necessidade de buscar novas formas de trabalho. Mas, com o crescimento do Polo e conseqüentemente o desenvolvimento dos processos produtivos e mecanização, houve conexão com os mercados capitalistas, assim como, há um maior envolvimento de instituições públicas e privadas, dotando ao polo de processos mais sofisticados.

Nos anos 2000, de acordo com Raposo e Gomes (2003), havia 12 mil unidades produtivas no Polo, com o faturamento em conjunto de R\$ 144 milhões, porém, com apenas 8% de formalização.

Após 2002, sob ação de um conjunto de instituições e a liderança do Sindicato das Indústrias do Vestuário do Estado de Pernambuco (SINDIVEST) e do SEBRAE, a “Feira de Sulanca”, como era chamado anteriormente o Polo, passou a se chamar “Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco” ou “Polo da Moda de Pernambuco”. Neste período houve um maior incentivo ao Polo, com campanhas publicitárias e a construção de gigantescos centros nas cidades de Toritama, Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe (Oliveira, 2011).

No que se refere ao Polo Goiana, evidencia-se que seu território abrange quatorze municípios da Mata Norte de Pernambuco (Abreu e Lima, Aliança, Camutanga, Condado, Ferreiros, Goiana, Igarassu, Itamaracá, Itambé, Itapissuma, Itaquitinga, Paulista e Timbaúba) e três municípios da Mata Sul da Paraíba (Alhandra, Caaporã e Pedras de Fogo).

No presente estudo, este território é denominado de Polo Goiana por apresentar grandes investimentos em indústrias com capacidade de impactar socioeconomicamente uma área considerável de municípios, com o *boom* de investimento após a construção da montadora Fiat/Jeep em 2009.

Sendo assim, o que se observa é a transição entre os setores dominantes no território do Polo Goiana, em que o centro dinâmico migra do setor agropecuário (mais

precisamente da cultura de cana de açúcar), para o setor industrial. Outras áreas são afetadas intensamente no sentido da elevação de postos de trabalho além de trazer um crescimento econômico para a região por meio da dinamização do setor de serviços, dos investimentos em áreas urbanas do município, entre outros.

O município de Goiana-PE apresenta-se como estratégico nesse território, sendo economicamente representado pela agroindústria e por atividades de mineração. É uma economia menos diversificada, quando comparada a de outros municípios do Polo, que também possuem produção no setor industrial e no terciário. Mas, a tendência do município de Goiana-PE, com a instalação da montadora da Fiat (Grupo FCA) e consequentemente de novos investimentos no plano automobilístico, é atrair empreendimentos de pequeno, médio e grande porte, propiciando a diversificação de sua economia com o crescimento do setor industrial, setor de serviços e comércio (FECOMÉRCIO-PE; SEBRAE 2015).

Há outros quatro municípios estratégicos no Polo Goiana de acordo com a Fecomércio-PE e o Sebrae (2015c). Igarassu-PE, que compõe esse cenário, possui uma economia diversificada com características sucroalcooleiras advindas da Usina São José. No setor industrial atual destacam-se a indústria de papel da Empresa Ondunorte, a Petroquímica Agroindustrial Igarassu, uma unidade da Unilever, a indústria de ferro e aço do Grupo Gerdau, entre outras ligadas ao setor de alimentos e bebidas.

Paulista-PE diferencia-se dos outros municípios do Polo, segundo a Fecomércio-PE e Sebrae (2015c), por apresentar-se com o distrito industrial consolidado e com a maior participação do setor terciário. Suas várias faces em termos de produção econômica contribuem para a diversificação da produção, tendo, como exemplo, o segmento do turismo, o qual conta com investimentos em restaurantes, hotéis, pontos comerciais e marinas. O segmento sucroalcooleiro, apesar de não possuir uma grande participação na produção do município, também contribui para o crescimento do setor industrial. Logo, o município apresenta uma das maiores economias do Polo Goiana e a integração de Paulista-PE no Polo tende a ser mais rápida devido a sua composição econômica.

O município de Abreu e Lima-PE está presente entre os cinco municípios estratégicos do Polo Goiana. Sua economia está baseada no setor terciário, contando com o comércio como um importante pilar, por possuir um destacado centro de compras com interligações de mercado no eixo de cidades inclusas no Polo, onde destacam-se Goiana-PE, Ilha de Itamaracá-PE, Igarassu-PE e Itapissuma-PE. As atividades industriais do

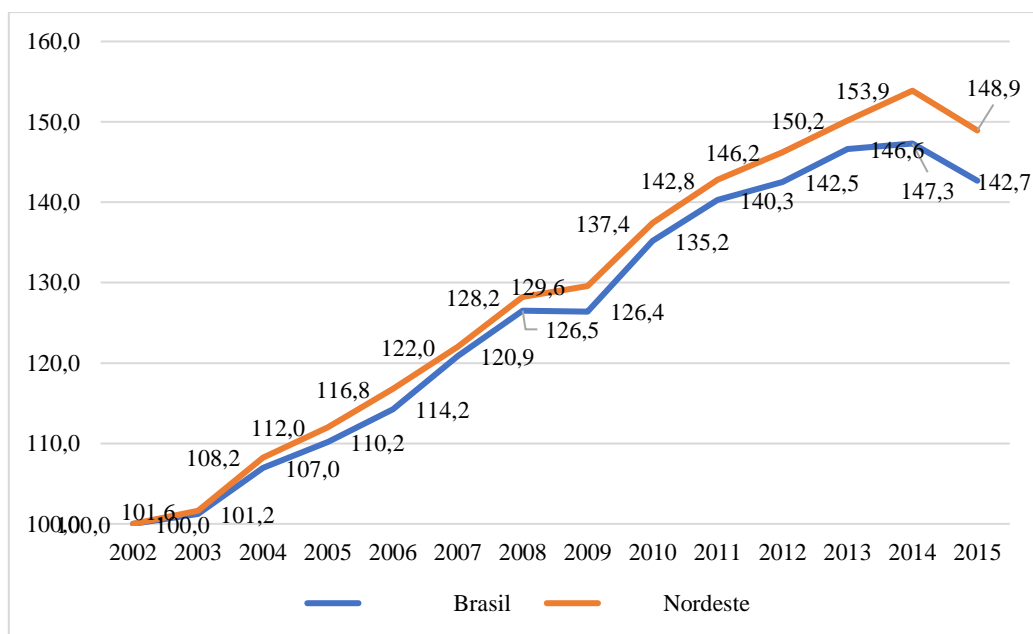
município voltam-se com maior ênfase para a metalurgia e os artefatos de borracha (FECOMÉRCIO-PE; SEBRAE 2015c).

Concluindo a escala dos cinco municípios, Itapissuma-PE possui um perfil de maior participação das atividades agrícolas, em comparação aos outros municípios destacados anteriormente. O setor industrial destaca-se, principalmente, pela indústria do alumínio da Alcoa, que são destinados ao segmento de transporte, máquinas e equipamentos, os quais se inter-relacionam com a dinâmica de produção do Polo (FECOMÉRCIO; SEBRAE 2015c).

A ECONOMIA DE PERNAMBUCO DE 2002 À 2015

O Nordeste seguiu uma trajetória de crescimento superior ao crescimento do país durante todo o período analisado. Destaca-se que após 2011, a região descola ainda mais da economia nacional apresentando um ritmo de crescimento mais acelerado (Ver Gráfico I). Vale destacar que mesmo com a crise de 2008 e a recessão iniciada no final de 2014, a Região Nordeste apresentou um crescimento relativamente maior que a média do Brasil.

Gráfico I – Série encadeada do volume do valor adicionado bruto – Brasil e Nordeste – 2002 a 2015



Fonte: IBGE, Contas Regionais. Elaboração própria.

A tabela I apresenta a participação das regiões no Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, portanto, a região Sudeste apresenta mais da metade da participação ao longo

dos anos, porém possui uma tendência de queda ao longo dos anos, saindo de 57,4% no ano de 2002 para 54% no ano de 2015.

A segunda região com maior participação no PIB do Brasil é a região Sul que apresentava 16% no ano de 2002 e termina o ano de 2015 com 16,8%, a terceira maior participação é da região Nordeste, a qual também apresenta um crescimento da participação, saindo de 13,1% em 2002 e chegando a 14,2% em 2015.

Por fim, o Centro-oeste e o Norte, possuem respectivamente, o quarto e o quinto lugar na participação no PIB do país, ambos apresentaram crescimento na participação ao longo dos anos de 2002 a 2015.

Tabela I – Participação das unidades da federação no produto interno bruto (%) do Brasil – 2002 a 2015.

UF/ANO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Norte	4,7	4,7	5,0	4,9	5,0	5,0	5,0	5,0	5,3	5,5	5,4	5,5	5,3	5,4
Nordeste	13,1	12,8	12,9	13,0	13,2	13,0	13,1	13,6	13,5	13,3	13,6	13,6	13,9	14,2
Sudeste	57,4	56,5	56,5	57,5	57,7	57,4	57,0	56,3	56,1	56,1	55,9	55,3	54,9	54,0
Sul	16,2	17,1	16,8	15,9	15,6	16,1	16,0	15,9	16,0	15,9	15,9	16,5	16,4	16,8
Centro-Oeste	8,6	8,9	8,9	8,6	8,4	8,6	8,9	9,3	9,1	9,1	9,2	9,1	9,4	9,7

Fonte: IBGE, Contas Regionais. Elaboração própria.

Com o olhar específico para os Estados do Nordeste, de acordo com a tabela II, a maior participação é do Estado da Bahia, que em 2002 apresentou 30% da participação do PIB do Nordeste e fechou o ano de 2015 com 29%. O segundo Estado com maior participação é o Estado de Pernambuco que em 2002 apresentava 18,5% e em 2015 saltou para 19,6%, o Estado do Ceará ficou em terceiro, seguido pelos Estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Sergipe.

Tabela II – Participação das unidades da federação no PIB do Nordeste – (%) – 2002 a 2015.

UF/ANO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Maranhão	8,2	8,8	8,8	8,9	9,3	8,7	9,3	9,1	8,9	8,9	9,3	9,3	9,5	9,2
Piauí	3,7	3,8	3,7	3,8	4,2	3,9	4,0	4,2	4,3	4,4	4,4	4,3	4,7	4,6
Ceará	14,7	14,8	14,7	14,5	14,6	14,3	14,9	14,9	15,2	15,4	14,8	15,0	15,7	15,4
Rio Grande do Norte	7,0	6,7	6,9	7,1	7,2	7,4	7,1	6,8	6,9	7,0	7,1	7,1	6,7	6,7
Paraíba	6,5	6,7	6,3	6,2	6,6	6,5	6,6	6,7	6,4	6,4	6,5	6,4	6,6	6,6
Pernambuco	18,5	17,6	17,9	17,8	17,5	17,6	17,3	17,6	18,6	18,9	19,6	19,5	19,3	18,5

	Agropecuária	6,0	6,6	6,2	6,6	6,5	5,9	6,1	5,5	4,8	4,4	3,5	3,5	3,3	3,9
Pernambuco	Indústria	22,8	20,5	22,6	20,5	19,2	19,2	19,4	19,8	21,9	21,6	22,0	21,5	18,6	20,0
	Serviços	71,2	72,9	71,3	72,9	74,3	74,9	74,5	74,6	73,3	74,0	74,5	75,0	78,1	76,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Contas Regionais. Elaboração própria.

O MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO

Os resultados da economia de Pernambuco indicam um ritmo de crescimento da produção acima do Brasil, assim como, diante dos Estados nordestinos, Pernambuco possui a segunda maior economia em termos de participação no PIB do Nordeste.

No que se refere ao mercado de trabalho, indicadores como a taxa de participação, a taxa de desemprego aberto e a nível de ocupação auxiliam a interpretação desse processo. Assim como, o indicador de associação dos trabalhadores aos sindicatos, pois quanto mais trabalhadores associados, maior a força do sindicato para lutar por direitos trabalhistas.

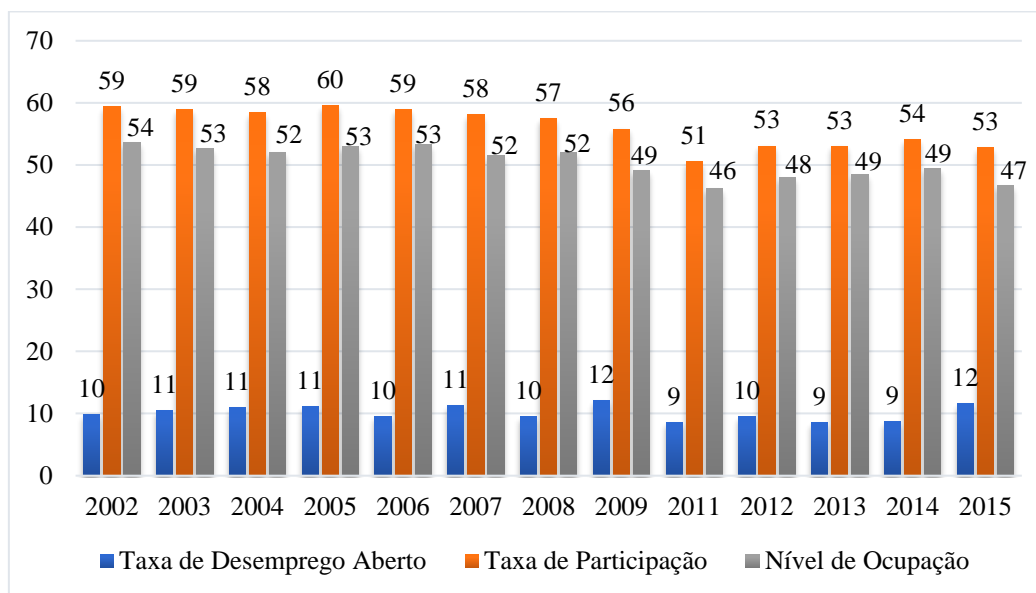
Outra variável relevante é a contribuição para a previdência social que remete diretamente a trabalhos com carteira assinada e uma seguridade do trabalhador em caso de acidentes, gravidez, aposentadoria, entre outros. A renda média dos trabalhadores no trabalho principal e a participação de trabalhadores em grupamento de atividade também devem ser analisadas

A taxa de desemprego aberto, dada pelo número de desempregados em relação à População Economicamente Ativa (PEA), a taxa de participação composta pelo resultado da divisão entre a População Economicamente Ativa e a População em Idade ativa, por fim, o nível de ocupação atribuída pelo resultado do número de ocupados dividido pela População Economicamente Ativa são apresentadas no gráfico II.

A taxa de desemprego do Estado de Pernambuco, ao longo dos anos de 2002 a 2015, está entre 9% e 12%, com pouca variação, apresenta o seu menor valor em 2011, 2013 e 2014. A taxa de participação apresentou uma queda ao longo dos anos, iniciando a série com 59% e em 2015 apresentou 53%. Logo, há uma redução do número de pessoas economicamente ativas, diante do total de pessoas em idade ativa, isto é, há uma redução do número de pessoas inseridas ou que procuram se inserir no mercado de trabalho.

Por fim, o nível de ocupação não apresentou uma variação muito forte ao longo dos anos, em 2002 apresentou 54% e iniciou uma tendência de queda, fechando o ano de análise com 47%.

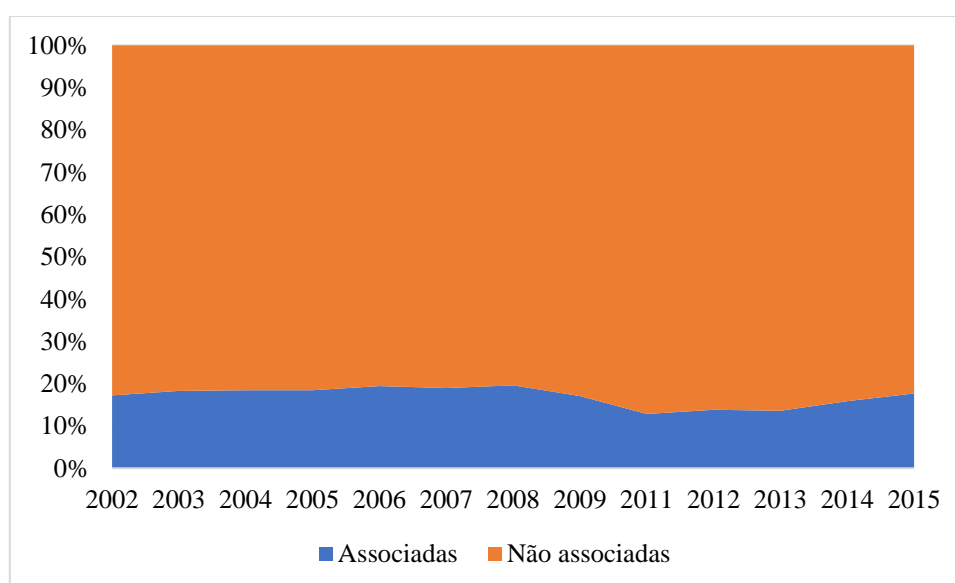
Gráfico II – Indicadores do Mercado de Trabalho – Pernambuco - Taxa de desemprego aberto, Taxa de participação e Taxa de Ocupação (%).



Fonte: PNAD, SIDRA. Elaboração própria.

No gráfico III tem-se a porcentagem de pessoas com 10 anos ou mais, ocupadas na semana de referência que são associadas a sindicatos. No Estado de Pernambuco, a maior parte das pessoas não são associadas, com a porcentagem abaixo de 20% ao longo dos anos. Vale destacar que os sindicatos são fundamentais nas conquistas de direitos trabalhistas e um sindicato forte é composto por um maior número de pessoas.

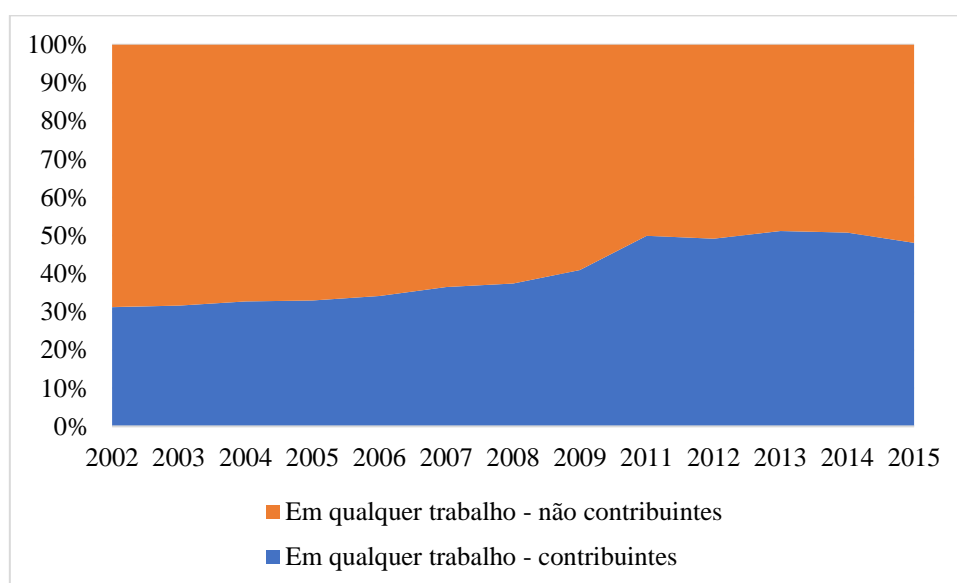
Gráfico III – Participação de pessoas com 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, segundo associação a sindicato – Pernambuco – (%)



Fonte: PNAD, SIDRA. Elaboração própria.

O gráfico IV mostra a participação das pessoas com 10 anos ou mais, ocupadas na semana de referência que contribuem para a previdência, logo, houve uma modificação ao longo da série devido ao aumento do número de pessoas que contribuem para a previdência e estão ocupadas. A porcentagem do número de contribuintes e não contribuintes se igualam em 2011, seguida pela continuação do crescimento do número de contribuintes para a previdência.

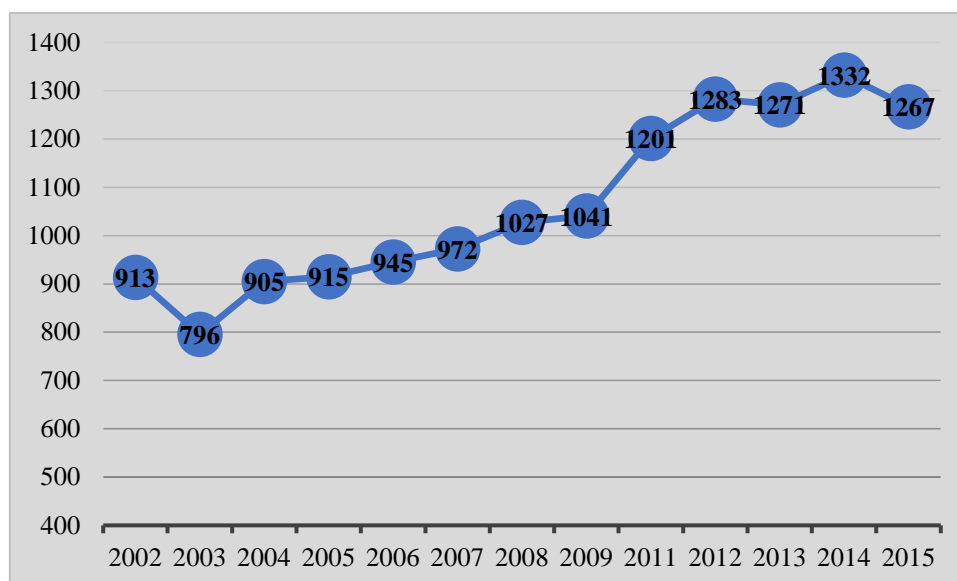
Gráfico IV – Participação de pessoas com 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, segundo contribuição para a previdência – Pernambuco – (%)



Fonte: PNAD, SIDRA. Elaboração própria.

Houve um aumento do rendimento médio mensal real no Estado de Pernambuco quando comparado os anos de 2002 e 2015, onde este saiu de R\$ 913 para R\$ 1267. O ano de 2011 se destacou pelo maior crescimento do rendimento médio, mas dos anos de 2012 a 2015 o valor do rendimento médio tende a apresentar uma constância.

Gráfico V – Valor do rendimento médio mensal do trabalho principal – Pernambuco – Em R\$.



Fonte: PNAD, SIDRA. Elaboração própria.

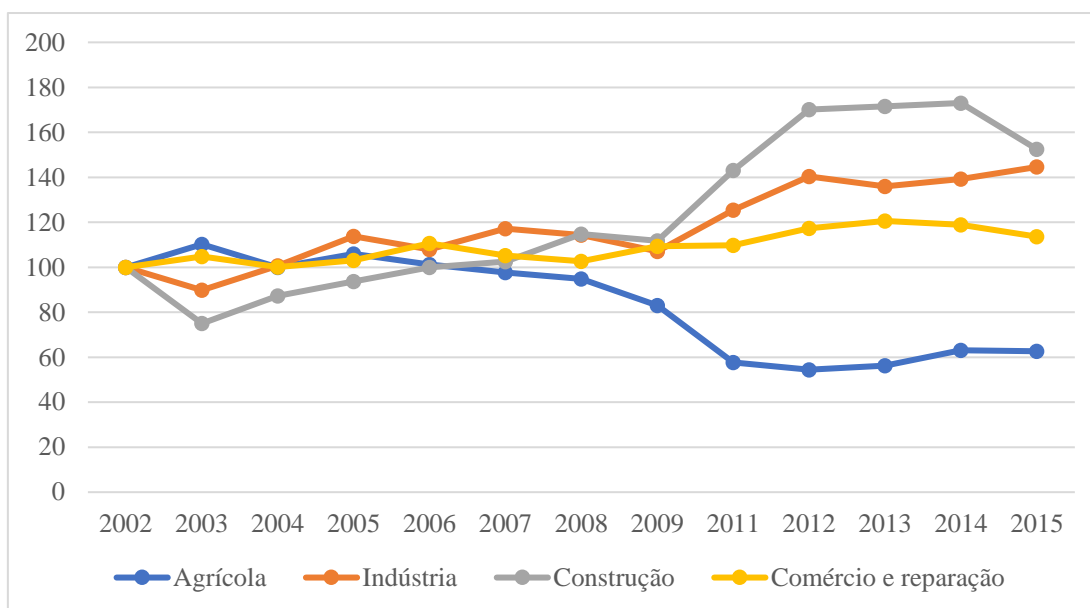
No gráfico VII estão incluídas apenas as atividades selecionadas como fundamentais para a análise do mercado de trabalho neste trabalho. Logo, todos os setores analisados apresentaram uma constância no índice de ocupação até o ano de 2008, visto que, após este ano há modificações na estrutura produtiva do estado.

O setor agrícola apresenta uma queda abrupta no índice de crescimento, sendo contrabalanceada pelo crescimento dos setores de construção civil, comércio e indústria. O setor da construção civil possui destaque devido as obras do PAC iniciadas em 2008, mas no ano de 2015 já pode-se perceber o efeito da crise e redução na ocupação deste setor.

O setor de indústria que obteve fortes investimentos após o ano de 2008, também apresentou um forte crescimento na ocupação, mas o setor de comércio e reparação mesmo com o crescimento após o ano de 2008, apresenta uma tendência declinante para os anos de 2014 e 2015.

Destaca-se que o setor de indústria está incluso a indústria extrativa e indústria de transformação, de acordo com a metodologia da PNAD.

Gráfico VI – Taxa de Crescimento de Pessoas com 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, segundo agrupamento de atividades do trabalho principal – Pernambuco (2002=100).



Fonte: PNAD, SIDRA. Elaboração própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de Polos de crescimento é defendida como uma forma de propulsão da economia regional, por meio da atração de indústrias, diante da dinâmica de indústrias motriz e indústria motoras. Portanto, com os investimentos em Polos de crescimento no Nordeste, observa-se um crescimento da produção acima do nível Brasil.

A nível estadual, o Estado de Pernambuco também apresenta um crescimento na produção e aumento da participação no PIB da região Nordeste, sendo este o segundo maior Estado em participação.

Neste cenário produtivo, observam-se modificações no mercado de trabalho do Estado de Pernambuco. Ao analisar a contribuição com a previdência social, percebe-se o aumento do número de pessoas ocupadas que contribuem com a previdência representando o aumento do número da formalização do emprego e geração de empregos formais. Mas, vale destacar que 48% do número de ocupados não contribuíam para a previdência, logo ainda há um número considerável de pessoas em condição informal, a exemplo do Polo de Confecções.

A renda média real obteve um aumento considerável ao longo dos anos, apresentando uma propulsão maior na comparação entre o ano de 2009 e 2011, no fim da série, ano de 2015, a renda média real representa mais de um salário mínimo e em termos, isto é, está orçada em R\$ 1267.

Os agrupamentos de atividades demonstram o crescimento em índice para o setor industrial e da construção civil, em contrapartida, há a redução do setor agrícola, com

destaque para o pós 2008. Este movimento pode ser justificado pelo *boom* de crescimento de cada Polo citado anteriormente, pois o Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco nos anos 2000, o Porto de Suape em 2007 e o Polo Goiana após o ano de 2009, vale destacar que o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), com início em 2008, apresentou uma grande propulsão no setor da construção civil.

Portanto, observa-se uma alteração da dinâmica do mercado de trabalho de Pernambuco, após os incentivos nos Polos de Crescimento, houve um crescimento da produção acima da média nacional, juntamente com o aumento da participação do Estado no PIB nacional. Em paralelo a este movimento houve o crescimento no número de trabalhos formais, na renda média e na ocupação dos setores de construção civil e indústria.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Tania Bacelar de. Nordeste: desenvolvimento recente e perspectivas. In: GUIMARÃES, Paulo Ferraz. et al (Org.). **Um olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste**. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2014. p. 540-560.
- HIRSCHMAN, Albert. **Desenvolvimento industrial no Nordeste brasileiro e o mecanismo de crédito fiscal do artigo 34/18**. 1967, p. 1-34 Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/1743>>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- PERROUX, François. O conceito de Polo de Crescimento. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). **Economia Regional: textos selecionados**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR/MINTER, 1977. p. 145-156.
- SOUSA, Fernando J. Pires de. Evolução das disparidades regionais no Brasil 1950-2008: análise com base no GTDN. In: MORETTO, Amilton et al (Org.). **Economia, desenvolvimento regional e mercado de trabalho no Brasil**. Fortaleza: instituto de desenvolvimento do trabalho Banco do Nordeste do Brasil centro de estudos sindicais e economia do trabalho. 2010. p. 223-256.
- SOUZA, Nali de Jesus. **Desenvolvimento Econômico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- _____. **Teoria dos polos, regiões inteligentes e sistemas regionais de inovação**. Porto Alegre: Análise, 2005, v. 16, n.1, p. 87-112. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/266/215>>. Acesso em: 18 dez. 2015.
- LIMA, Policarpo R., SICSÚ, Abraham Benzaquem, PADILHA, Maria Fernanda F. G.. **Economia de Pernambuco: transformações recentes e perspectivas no contexto regional globalizado**. Fortaleza: Revista Econômica do Nordeste, 2007, v. 38, n. 4, p. 526-541.
- MEDEIROS, Rogério de Souza; GODOY, José Henrique Artigas. **Desenvolvimento, Território e Políticas Sociais: Suape e uma Nova Agenda de Pesquisa Sobre os Impactos Sociais de Grandes Projetos**. Maranhão: Revista Pós Ciências Sociais, 2015, v. 12, n. 24, p. 77-100. Disponível em:

< <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/3641>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de . **Suape em construção, peões em luta: o novo desenvolvimentismo e os conflitos do trabalho**. Cad. CHR. 2013, vol.26, n.68, p. 233-252. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792013000200003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 3 set. 2015.

_____. Desenvolvimento e trabalho no Nordeste: velha nova problemática. In: NASCIMENTO, Ângela; LIMA, Marcos Costa. **O nordeste brasileiro em questão: Uma agenda para reflexão**. Brasília: Editora KIRON, 2015. p 42 – 80.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de. **Território Comercial de Toritama: persistência e metamorfose da informalidade**. Disponível em:< <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/viewFile/21820/12655>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de. **O Polo de Confeções do Agreste de Pernambuco: Ensaio de uma perspectiva de abordagem**. Disponível em:< <https://www.anpocs.com/index.php/papers-35-encontro/gt-29/gt36-5/1250-o-polo-de-confeccoes-do-agreste-de-pernambuco-ensaio-uma-perspectiva-de-abordagem/file>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

FECOMÉRCIO PE; SEBRAE. Oportunidades de negócios: demandas dos novos empreendimentos. In: FECOMÉRCIO PE; SEBRAE. **Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades do setor terciário para o polo de desenvolvimento de Goiana**. Recife: Fecomércio PE, 2015a. p. 1-35.

_____; _____. Perfil das empresas locais do setor de comércio e serviços. In: FECOMÉRCIO PE; SEBRAE. **Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades do setor terciário para o polo de desenvolvimento de Goiana**. Recife: Fecomércio PE, 2015b. p. 1-72.

_____; _____. Perfil socioeconômico do território. In: FECOMÉRCIO PE; SEBRAE. **Perspectivas de desenvolvimento e oportunidades do setor terciário para o polo de desenvolvimento de Goiana**. Recife: Fecomércio PE, 2015b. p. 1-70.

FONTENELE, Ana Maria; MELO, Maria Cristina Pereira; DANTAS, Antonio Luiz Abreu. **Inserção Internacional da Região Nordeste do Brasil: Reações as Políticas de Incentivos e Transformações Recentes**. Disponível em: < https://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=241> . Acesso em: 30 ago 2018.